

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**



1290002729



FE

TCC/UNICAMP R582p

**“PRÁTICAS DE LEITURA NAS CULTURAS ESCOLARES”**

**AUTORA: JANALICE BRUNO SOARES ROCHA**

**ORIENTADORA:**

**PROF<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA CAROLINA BOVÉRIO GALZERANI**

**CAMPINAS  
2005**

200606150

UNICAMP - BIBLIOTECA

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA	TCC/UNICAMP
	R582p
V:	
TOMADA	24/29
PELOS	123/2006
C:	X
PREÇO	
DATA	24.03.06
Nº CPD	34813

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

R582p

Rocha, Janalice Bruno Soares.

Práticas de leitura nas culturas escolares / Janalice Bruno Soares Rocha. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Maria Carolina Bovério Galzerani.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Prática de leitura. 2. Cultura escolar. 3. Formação de professores. I.  
Galzerani, Maria Carolina Bovério. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

05-323-BFE

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO: “Apresentando o Projeto Inicial”	1
CAPÍTULO I: “A Busca de Diálogo com as Professoras”	6
CAPÍTULO II: “Superando entraves, produzindo relações fortalecedoras do ato de ler”	10
“Para não concluir: a busca de um balanço final”	16
Bibliografia	17
Anexo I - Fotos	21
Anexo II – Modelo de entrevista	32
Anexo III - Banner	33
Anexo IV	34

*“Agradeço a Deus Pai de Misericórdia Infinita,  
a Jesus e à Maria Santíssima,  
que estiveram presentes em todos os momentos  
de minha caminhada nesses quatro anos!”*

*“Ofereço o resultado deste meu trabalho à memória de  
meus inesquecíveis pais,  
que sempre nos sinalizaram o caminho do  
conhecimento através do estudo.”*

***“Ao meu marido e companheiro Hélio,  
obrigada pela paciência e incentivo,  
obrigada!”***

***“Aos meus amados filhos:  
Hélio Junior, Carlos Eduardo e Alessandra;  
Minhas noras: Renata e Rosana;  
Meus netos: Nayara e Kauê;  
Dayane, Maria Eduarda e Maria Fernanda.  
Obrigada!”***

*“Maria Carolina,  
não foi por acaso que um dia nos reencontramos!  
Obrigada pelo apoio,  
pelos ensinamentos,  
pelo carinho!”*

**Meus agradecimentos à  
Profª Drª. Áurea Maria Guimarães, segunda leitora  
deste trabalho,  
pelas palavras de elogio e estímulo.**

## **Resumo**

O objetivo fundamental deste trabalho é analisar práticas de leitura em uma dada cultura escolar relativa aos seguintes sujeitos: Professores e Alunos de diferentes Escolas Estaduais da cidade de Campinas na contemporaneidade.

A partir de uma pesquisa empírica realizada com aproximadamente dois mil e duzentos alunos pré-adolescentes, setenta e oito Professores e treze Professores Coordenadores nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005, propor teorias específicas potencializadoras de outras práticas de leitura no interior do universo das escolas públicas, acompanhando as atividades dos aprendizes e incentivando diferentes ações pedagógicas dos docentes.

Possibilitar que todos os alunos do Ciclo I cheguem ao término dessa escolaridade, apresentando um quadro de sucesso dos patamares de desempenho, construindo uma nova concepção de saberes referentes à leitura e à escrita é o objetivo fundamental de todo o Ensino Fundamental, ressaltando-se aqui o Ciclo I. Porém, este trabalho aborda aspectos fundados em pesquisas que demonstraram que os alunos pesquisados necessitavam de um tempo maior para completar esta fase de sua escolaridade.

O presente trabalho descreve as experiências vividas quando da introdução do Projeto “Recuperação de Ciclo I – Ensinar pra Valer” na Diretoria de Ensino da Região Campinas Leste e seus resultados na trajetória de 2002 a 2005.

## I – INTRODUÇÃO:

### APRESENTANDO O PROJETO INICIAL

O objetivo fundamental deste trabalho é (re)construir imagens, representações relativas ao ato de ler no interior de algumas escolas da rede estadual de ensino, do universo da cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

Estas imagens estão intimamente ligadas ao que relatamos a seguir:

No ano de 2002, iniciamos dentro da Diretoria de Ensino Região Campinas Leste atividades que atenderiam alunos que, após quatro anos de escolarização, não conseguiam ler e escrever de maneira convencional. Era a Recuperação de Ciclo I priorizada nos termos da Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Capítulo II – Da Educação Básica – Seção I – Das Disposições Gerais.

Artigo 24

V – b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Uma Avaliação Diagnóstica foi realizada e a partir dela, um planejamento minucioso elaborado com esses referenciais possibilitou um trabalho integrado e sério.

Eram doze escolas do universo escolar de nossa DE:

- ❖ EE Prof. Alberto Medaljon;
- ❖ EE Trinta e Um de Março;
- ❖ EE Prof<sup>a</sup> Castinauta B. de Mello e Albuquerque;
- ❖ EE Carlos Gomes;
- ❖ EE Coronel Firmino Gonçalves da Silveira;
- ❖ EE Prof<sup>a</sup>. Cecília Pereira;
- ❖ EE Prof. Joaquim Ferreira Lima;
- ❖ EE Dr. Tomás Alves;
- ❖ EE Prof<sup>a</sup> Dora Maria Melo Castro Kanso;
- ❖ EE Prof. Antonio Fernandes Gonçalves;
- ❖ EE Prof<sup>a</sup>. Consuelo Freire Brandão;
- ❖ EE Prof. Uacury Ribeiro de Assis Bastos.

Para fundamentar o referido trabalho, foi realizada uma pesquisa empírica através de questionários semi-estruturados no interior de cada uma dessas escolas, envolvendo os trezentos e sessenta alunos.

Descobriu-se que eram crianças extremamente desfavorecidas, habitantes da periferia da cidade de Campinas. Esses meninos e meninas tinham entre 12 e 14 anos, e *“uma das características é que se sentem fracassadas pessoal e socialmente, com a absoluta incapacidade de pensar a própria história”*. (MEIRIEU, 1993, p.14) Contudo,

acreditamos, desde o início, que são seres com potencialidade de superar as dificuldades, afirmando-se como capazes de pensar a sua própria história.

+

Era preciso também conhecer a realidade de cada Unidade Escolar, o contexto em que estavam inseridas, como é sua comunidade e qual a relação entre escola e família.

Os dados foram coletados pelos próprios alunos nos primeiros dias de aula. Foi possível conhecer o bairro, a localização no mapa da cidade de Campinas, delimitando a região em que cada Unidade Escolar se localizava. Socializado no grupo de professores, todas as escolas puderam fornecer ao seu corpo discente um registro histórico - geográfico da rede formadora do Projeto RC I.

O nome da escola, sua origem, dados sobre o patrono, quem a dirige, quem trabalha em cada espaço e o que faz, deu a cada aprendiz a certeza de que é preciso ampliar os conhecimentos relativos aos espaços onde nos localizamos.

Começava a se delinear um projeto interdisciplinar: História e Geografia estavam presentes a partir de atividades criadas pelos próprios alunos.

Quem é você? Foi um questionamento que deu origem à outra pesquisa empírica. Foram propostas atividades relacionadas à identidade de cada aprendiz. A Certidão de Nascimento foi o ponto de partida para que todos iniciassem sua conscientização como Cidadãos ativos e participantes. Alguns não possuíam esse documento. Prontamente os pais providenciaram uma segunda via, assegurando que se interessavam pelo atendimento dado a seus filhos e que estavam dispostos a acompanhá-los, ajudá-los e a atender os chamados da Professora, quando necessário.

A pesquisa se ampliou. O mapa do Estado de São Paulo, trabalhado enquanto representação, foi usado como referencial para localização: Onde nasci? Estado por estado era identificado, após análise no mural cartográfico.

Onde nasceram nossos pais? O mapa do Brasil serviu como apoio. Cada estado, cada cidade foi pesquisada. Era preciso recorrer ao Mapa da América do Sul; porém, como havia alunos ou pais oriundos de outros países, também o mapa – mundi foi apresentado. Dessa maneira iniciávamos um ensino interdisciplinar, priorizando as diferentes formas de registros e de linguagens.

A EE Coronel Firmino Gonçalves Silveira era nossa escola – piloto e tinha, como eixo norteador, um pensamento elaborado a partir da reflexão de sua Diretora Prof<sup>a</sup> Maria José Silva, de sua Vice Diretora Prof<sup>a</sup> Áurea Boiago, do Prof Coordenador Tadeu Gândara e da Prof<sup>a</sup> Ketula da Silva: *“Uma escola integrada e atuante consegue atuar diretamente na conduta do seu discente a partir do momento em que desperta nele a capacidade de criar e extravasar idéias, ousando maiores vôos na descoberta do novo e sendo livre para expor todo o seu ideal como um ser na imensidão da sua mente. Investir hoje é esperar que o brilho do amanhã seja como uma estrela que desponta no céu todo anoitecer, como um poeta que cria a partir do mais profundo do seu viver e sabe que o futuro pertence a quem quer viver”!*

Essas palavras socializadas no grupo serviram como estímulo para um trabalho prazeroso, dinâmico e criativo.

Nossa proposta era e continua a ser ao longo desses quatro anos: *“O trabalho pedagógico na escola precisa ser uma construção coletiva; por isso, corpo técnico, professores, funcionários e comunidade escolar são co – reponsáveis pela execução de uma proposta pedagógica que garanta a aprendizagem de todos os aprendizes e o sucesso de todos os envolvidos”*.

Nessa linha de pensamento, todos os envolvidos, para responder pelo seu papel de apoio e acompanhamento ao trabalho, visando melhorar o quadro de sucesso dos patamares de desempenho do alunado devem: construir uma nova concepção de saberes referente à leitura e à escrita; respeitar o conhecimento prévio que o aprendiz já traz a partir de suas experiências de vida; valorizar as práticas dos docentes, buscando uma aproximação entre a proposta de trabalho do Projeto Recuperação de Ciclo I e seu fazer pedagógico; organizar rotinas em favor da heterogeneidade dos conhecimentos dos aprendizes; permitir que o “aprender a aprender” se efetive em todos eles.

O Projeto “Ensinar pra Valer” estava começando em nossa Diretoria de Ensino. Treze Professoras e doze Professores Coordenadores estavam envolvidos. Eu deveria ser a mediadora entre os objetivos do Projeto e o “fazer pedagógico” daquele grupo. Todos os meses, por três dias consecutivos, nos reuníamos para dar “Notícias do Projeto” e vivenciarmos diferentes atividades, que, em cada espaço escolar, se transformariam nas propostas interdisciplinares apoiadas nos cadernos “Aprender pra Valer”.

Foi uma troca de experiências riquíssima. Todas as propostas eram trabalhadas pelos grupos, que, a cada atividade, se constituía de maneira diferenciada. Os painéis forravam as paredes de nossa sede. Os Portfólios dos alunos comprovavam a eficácia do trabalho de cada professor, sua criatividade e a possibilidade de diferentes abordagens pedagógicas.

Esse Projeto reunia, nessa ocasião, profissionais extremamente comprometidos e que se questionavam incessantemente: *“Por que tantos alunos chegam ao fim do Ciclo I sem saber ler e escrever convencionalmente”?*

Impossível continuar esse relato sem mencioná-los: Professora Coordenadora Sandra Mara da Silva e Professora Maria Luíza Rocha Cosmala; Professora Coordenadora Maria José Turatti e Professora Márcia Ito; Professora Coordenadora Maria Tereza Mortati Costa e Professora Izabel Cristina Arcas; Professoras Coordenadoras Aparecida e Mônica Rondini e Professora Genoveva Piva; Professor Coordenador Tadeu Gândara e Professora Ketula de Souza; Professora Coordenadora Adriana Ferreira e Professora Cibele Ribeiro Fracaroli; Professora Coordenadora Elizabeth Fonseca e Professoras Marley dos Santos e Eunice Teodoro de Oliveira; Professora Coordenadora Thayanne Lima Ferreira e Professoras Vilma Martinez

Martinez e Marta Meireles; Professora Coordenadora Rosangela Tonchei e Professora Eliana Baldini; Professora Coordenadora Tânia Regina Irineu e Professora Maria Nazaré de Miranda; Professora Coordenadora Mirian Fernandes de Araújo e Professora Rita de Cássia Leocádio; Professora Coordenadora Maria Tereza Caro Godoy e Professora Viviane Moutinho.

As atividades, decididas pelo grupo a partir das dificuldades comuns a todos os aprendizes, priorizavam diferentes códigos de linguagem, como por exemplo: cartas cartográficas, escala e gráficos nas aulas de Matemática e Geografia; documentos históricos, documentos literários e mapas nas aulas de História. Todos os textos das disciplinas citadas eram usados também nas aulas de Língua Portuguesa. Arte dava suporte, não só à produção iconográfica, como na leitura e interpretação das imagens dos livros de Literatura Infanto-Juvenil usados. Educação Física trabalhava com a expressão corporal, com música e com esportes, em geral.

Quando nos reuníamos as notícias sobre o Projeto Recuperação de Ciclo I testemunhavam os avanços das crianças e o entusiasmo dos participantes.

Entre as notícias dadas pelos profissionais, uma passou a simbolizar esse início de uma caminhada em busca de um objetivo comum: *“Aprender a aprender”*.

O relato que se segue é transcrito do depoimento dado pela Professora Izabel Cristina Arcas, Professora da EE Dr. Tomás Alves em junho de 2002:

*“Sou professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, Diretoria de Ensino Região Campinas Leste há alguns anos. Vivenciei episódios interessantes durante esse tempo, mas tenho um em especial, que marcou a minha jornada de educadora, porque aprendi muito com ele.*

*No ano de 2002, tinha uma classe com alunos oriundos de diferentes estados brasileiros. No mês de junho daquele ano, recebemos na EE Dr. Tomás Alves, José, vindo do Nordeste do país. Ele chegou todo desajeitado e tímido, com uma fala arrastada e difícil de ser compreendida por todos nós.*

*A cada dia eu procurava trabalhar com as crianças, mostrando-lhes as diferenças individuais, valorizando a cultura das regiões do Brasil, seus usos e seus costumes. Afinal, todos vinham de outros estados. Poucos eram paulistas ou campineiros.*

*Aos poucos José foi conquistando seu espaço na classe. Um dia, porém, ele esperou todos saírem para o intervalo e veio falar comigo. Disse-me que tinha dificuldade em nos entender e que estava achando tudo muito difícil. Eu o tranqüilizei respondendo que todos tinham as suas dificuldades, mas com o tempo todos conseguiam superá-las.*

*No mês de novembro começamos a trabalhar o texto jornalístico. Reunimos um série de recortes de jornal e alguns textos do livro didático “Na Trilha do*

*Texto”- volume 4, Magna Diniz Matos, pp 82 a 92. Um dos textos era “Crianças do Sertão Nordestino”. José mostrou-se muito interessado. Foi então que lemos o texto do mesmo livro “Meninos Carvoeiros”.*

*José ouviu com atenção o relato do trabalho árduo dos meninos nos fornos de carvão. Então, com muita simplicidade pediu para nos contar sua experiência de vida. Ele já fora um “menino carvoeiro”! Trabalhara nos fornos de carvão. Vivera o drama dos meninos do Nordeste, que bem cedo ajudam no sustento da casa, arriscando sua saúde e sua vida em um trabalho tão perigoso. Ele era um dos meninos descritos com tanta propriedade por Manuel Bandeira.*

Sua história nos comoveu e nos aproximou muito. Desse dia em diante, José passou a ser auxiliado por todos os colegas. Progrediu bastante e concluiu o Ciclo I.

Na atualidade, José frequenta o 1º ano do Ensino Médio da mesma escola e tem um desempenho elogiado por todos os Professores que já conhecem a sua história de vida.

Esse relato da Professora Izabel nos comoveu bastante. Cada uma das professoras procurou se aproximar mais e mais de cada um de seus alunos. Na narrativa da Professora a literatura foi a linguagem que potencializou a aproximação e o diálogo com o universo cultural deste aluno.

No SARESP (Sistema de Avaliação e Referenciais Externos do Estado de São Paulo) daquele ano, as produções de textos desses trezentos e sessenta alunos confirmaram nossas expectativas: todos produziram um texto coerente, respeitando a estrutura da narrativa proposta. Foram promovidos para o Ciclo II já como alunos que lêem e escrevem adequadamente.

Essa experiência iniciada nesse ano vem se concretizando nos anos subsequentes, com enriquecimento de todos nós envolvidos. Em 2003, dezoito escolas participaram do Projeto. O número de alunos era menor, aproximadamente, duzentos e, os resultados também foram animadores. 2004 trouxe de volta um número elevado de escolas: trinta e seis, com aproximadamente duzentos e sessenta alunos. Novamente os resultados foram bons.

Porém, um fato novo surgia: o Ciclo II acusava, em números crescentes, um alunado apresentando diferentes dificuldades de leitura e escrita.

Uma questão não tinha ainda resposta: *“Por que tantos alunos chegam ao Ciclo II sem saber ler e escrever convencionalmente”?*

## CAPÍTULO I

### A BUSCA DE DIÁLOGO COM AS PROFESSORAS

Os professores que interagem com os alunos pesquisados também foram investigados, via questionários semi – estruturados, tanto em seu local de trabalho, quanto durante as Orientações Técnicas que acontecem mensalmente.

Ao serem questionados sobre o que lêem, responderam que suas leituras são sempre direcionadas à preparação de aulas, usando o material “Ensinar pra Valer”, composto de quatro módulos, trazendo uma diversidade textual muito grande.

O livro didático acompanha esse movimento. Em geral, é dele que saem os textos complementares, que serão trabalhados com os aprendizes. Para os alunos pesquisados, o material chama-se “Aprender pra Valer” e é formado por quatro módulos que apresentam diferentes gêneros textuais.

A Literatura Infanto-Juvenil é constantemente usada como motivadora de atividades que convidam os alunos a uma leitura prazerosa.

Essas mesmas Professoras qualificam a leitura desses aprendizes como uma decodificação de símbolos, permeada por sinais que determinam pausas, em atividades organizadas em: leitura silenciosa e leitura em voz alta para a Professora e para a classe.

*“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações o sentido do texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significações, conseguir relacioná-los a todos os outros textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra leitura”.(LAJOLO, 1982)*

Era preciso que cada Professora revisse seus conceitos de leitura, refletisse sobre o ato de ler e se analisasse como leitoras. Era preciso que compreendesse que ler é uma prática social, inserida nas relações sociais, historicamente dadas. (CHARTIER, DARNTON, DE CERTEAU, LAJOLO, BATISTA)

Ao iniciar o trabalho docente com esses alunos, as Professoras iniciaram um exercício de reflexão e constataram que: “Ler deve ser o “*prazer de ler*”. O aprendiz construindo uma história como leitor a partir do modelo de uma professora que lê, que demonstra fruição de texto, que partilha o que leu com seus pares, seus alunos, aqueles que a cercam. A partir desse momento mudaram seu olhar, sua maneira de tratar o aluno, de interpretar sua dificuldades e até de procurar soluções para elas.

Portanto, para ensinar o aluno a ler é preciso que a professora compreenda que seu papel é de mediadora e que o diálogo do aluno é com o texto e que ele, como leitor, faz cada leitura, dentre todas as outras tantas possíveis.

Essas Professoras passaram a entender Platão, em A República, que: *“Compreendia a infância como potencialidade, capaz de aprender”* a se comportar como educadoras com a capacidade para *“saber fazer bem o dever”*, levando em conta a **dimensão técnica**, ou seja, o domínio dos conteúdos e de recursos que socializam o conhecimento; a **dimensão política**, definindo finalidades para a sua ação, comprometendo-se em alcançá-la e finalmente, a **dimensão ética** que a faz mediadora entre conteúdos, métodos e objetivos, reconhecendo o outro como igualdade na diferença, construindo e desenvolvendo as potencialidades dos seus alunos.

Convicta dos conceitos mencionados e ao analisar as práticas dessas Professoras, questionamos alguns detalhes observados e consideramos algumas possibilidades. Dentre as possibilidades está a formação continuada do professor. Para tanto, propusemos um grupo de estudos (dois por mês), onde se teve a oportunidade de discutir os avanços e as dificuldades dos alunos e sugerir leituras dos livros citados na bibliografia que acompanha o Projeto (e que fazem parte da bibliografia deste trabalho) e que lhes ofereceram o embasamento teórico para construir outros conceitos sobre leitura e escrita.

Em seu livro *“Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário”*, Délia Lerner nos diz que: *“Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido escrito. O desafio que a escola enfrenta hoje, é o de conseguir incorporar todos os seus alunos à cultura do escrito e vê-los chegar a ser membros plenos de uma comunidade de leitores e escritores”*.

Para que esse pensamento de Délia Lerner faça parte do dia-dia de nossas professoras é preciso que haja perfeita interação professor/aluno, aluno/professor, que haja troca de experiências de leitura, e que ela mesma produza textos que possam servir de exemplo a toda a classe.

Quando perguntadas sobre seu universo, soubemos que têm como formação o Magistério, tendo concluído o curso de Pedagogia ou o de Letras. A maioria delas dá aulas em mais de uma escola e sua disponibilidade para leituras é mínima.

Na concepção de Schön, *“um professor deve ser reflexivo, ter uma atuação inteligente, flexível, situada e ativa, produto de uma mistura integrada de ciência, técnica e arte, evidenciando uma sensibilidade quase artística que vai motivá-lo, tornando-o mais criativo, promotor de diferentes linguagens”*.

O objetivo do trabalho com esses alunos é justamente despertar e desenvolver saberes de leitura/escrita, a partir de atividades diversificadas, interdisciplinares e até lúdicas. Atividades capazes de propiciar ao docente maior aproximação com os universos culturais dos alunos, potencializando o entrelaçamento de diferentes saberes, e afirmação do aluno como produtor de conhecimentos escolares. Para tanto, foi preciso que se

estimulasse as leituras de textos que as levasse à reflexão, compreensão de si mesmas na relação, compreensão dos alunos, dos diferentes, dos outros para posterior discussão dos assuntos considerados pertinentes à cada situação.

*“O desenvolvimento profissional do professor não deve ser apenas o desenvolvimento pedagógico, o conhecimento e a auto-compreensão, o desenvolvimento cognitivo ou teórico, mas tudo isso ao mesmo tempo, permitindo-lhe construir uma educação de qualidade, a partir da compreensão de si mesmo”.* (IMBERNON,1999, p. 10).

As Orientações Técnicas procuraram, a partir das “Notícias do Projeto”, promover uma análise detalhada do desempenho dos alunos, pesquisa das atividades que ajudariam na superação das dificuldades e proporcionar às Professoras mudanças de linhas de trabalho, uso de materiais adequados e comportamentos diferenciados para alunos diferenciados.

A pesquisa empírica nos possibilitou também analisarmos as práticas dos professores em sala de aula, sempre partindo do pressuposto que *“a criança não é alguém menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, mas a ser educado.* (GALZERANI, 2002, p.08).

Essas crianças são os alunos excluídos de todos os grupos pelos quais já passaram, acumulando por isso, grandes dificuldades na leitura e na escrita.

Ao observarmos as práticas docentes dos profissionais envolvidos e sua interação com os alunos, nos reportamos a Jean Jacques Rousseau, que propunha *“que o papel da educação fosse respeitar o ritmo, as potencialidades lingüísticas das crianças, trazendo à tona o potencial natural do desenvolvimento da criança”.*

Esse pensamento reforça os objetivos específicos que constituem o Projeto “Recuperação de Ciclo I”.

Outro dado importante fornecido pela pesquisa realizada com os profissionais envolvidos foi que embora cada aluno tenha um ritmo, há respeito por ele e seu potencial é aproveitado quando se recorre à “zona de desenvolvimento proximal” (VIGOTSKI, 1984).

Indagadas sobre sua relação com a cultura, as Professoras apresentaram um conceito de cultura centrado na concepção dominante, como sinônimo apenas de ciências e artes. Nesse sentido, afirmaram que só assistem peças de teatro, shows e outro tipo de espetáculo quando em promoções da escola, com apoio da Secretaria de Estado da Educação, através da Diretoria de Ensino.

Mesmo com essa limitação, as Professoras têm desenvolvido atividades de teatro, quando os próprios alunos criam uma peça, discutem o enredo, as personagens, ensaiam e

se apresentam em momentos festivos da escola. A música faz parte de seu dia-dia e a arte é expressada nos desenhos, nas histórias em quadrinhos e outras ilustrações.

Na reflexão sobre os depoimentos dados, nos reportamos a Forquin *“a relação entre educação e cultura, definindo a cultura como esta ordem humana preciosa e precária que é para cada homem uma matriz, uma memória e uma promessa fundadora”*.

Consideramos que, a partir desse pensamento, as culturas com a quais as Professoras se defrontam são ricas, porque intercambiam experiências próprias, do seu universo sócio – cultural. Tais práticas culturais têm permitido elaborações de leituras discentes ricas e significativas.

Ao produzir a seleção das leituras discentes, o Professor pôde apoiar-se na Literatura Infanto-Juvenil, oferecendo momentos de visita à Biblioteca da escola , ou até mesmo, à Biblioteca Pública.

O texto para ser lido não precisa ser necessariamente o escolar.

Ele pode ser o literário, o texto de boa qualidade produzido por escritores que tocam a alma humana e contribuem para a construção dos valores humanos dos aprendizes.

Na relação professor/aluno, aluno/professor, foi respeitada a individualidade dos envolvidos e, a pesquisa empírica considerou de extrema importância saber *“quem são eles? De onde vieram? Para onde irão”*?

Para tanto, considerou-se que: *“É preciso desvendar inicialmente a história de cada criança, do grupo a que pertence e do grupo ao qual está ligada no momento da pesquisa”*. (DEMARTINI, 2002).

A riqueza dos dados colhidos na pesquisa com as professoras nos fizeram refletir sobre: *“O Professor é um profissional que constrói significados”*. (BROMMER, PERETZ e HALKES)

Professor que produz alternativas e saberes, entrelaçando diferentes saberes culturais, pedagógicos.

## CAPÍTULO II

### **SUPERANDO ENTRAVES, PRODUZINDO RELAÇÕES FORTALECEDORAS DO ATO DE LER**

A pesquisa empírica dedicou-se a investigar também quais são as práticas de leitura dos alunos que compõem as classes de Recuperação de Ciclo I.

Para compreender sua história, é preciso que conheçamos suas vidas, onde moram, qual a relação com seus pais, irmãos, outros familiares e amigos.

Os alunos da EE Dr. Tomás Alves, que fica no Distrito de Souza, moram na Zona Rural, ou em bairros mais distantes da escola, que fica no centro do referido distrito. São ao todo trinta e cinco alunos, carregando a frustração da exclusão em séries anteriores, de não saberem ler e nem escrever convencionalmente. Seus pais são trabalhadores rurais, às vezes analfabetos funcionais e um filho lendo e escrevendo é a garantia de tomarem conhecimento do que acontece ao seu redor, o que podem e devem assinar.

A Professora Izabel Cristina Arcas tem grande experiência com o Projeto Recuperação de Ciclo I, pois desde 2002 trabalha com ele e além disso, dá aulas de Língua Portuguesa no Ciclo II e EJA, para turmas formadas por alunos que um dia foram excluídos das classes regulares.

Ela e seus alunos estão integrados em um projeto que pretende contar a história do Dr. Tomás Alves, patrono da Escola. Para realizar esse trabalho propus à Professora a releitura, reflexão e discussão do texto “A Tessitura do Conhecimento Histórico e suas Relações com a Literatura”, já visitado várias vezes, embasando nossas atividades com a Literatura Infante-Juvenil. Fizemos um recorte no texto de Maria Carolina Bovério Galzerani e tomamos como lema ..”*a concepção de aluno como produtor de conhecimento histórico. Aluno não mais como reproduzidor de verdades acabadas, prontas, distantes de sua “realidade”. Aluno como sujeito do processo de produção cognitivo, enquanto capaz de estabelecer diálogos específicos com o social, historicamente dado*”.

Concluiu-se que nesse momento não caberiam aqui histórias frias, leituras mecânicas, mas sim a visita a lugares onde o médico esteve e, entrevistas com pessoas comuns do Distrito de Souza, que um dia conheceram o Dr. Tomás Alves, recebendo dele atenções e afeto.

Assim, esse grupo em processo de Recuperação de Ciclo I contribui com depoimentos de experiências vividas, carregados de emoção que irão compor a documentação do Projeto de Identidade da Escola e escrever a biografia de seu patrono.

Outro fato que merece destaque nesse Projeto de Recuperação de Ciclo I, com a classe da professora Izabel, é a premiação do aluno Antônio Carlos Cremasco Junior, 11 anos, no Seminário Municipal de Trânsito realizado pela Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (EMDEC). Seu texto ficou em segundo lugar, por ser rico em informações, vocabulário adequado, ter coerência e coesão. Seu texto revela, igualmente, a riqueza do trabalho docente, mobilizador de leituras e escritas inscritas numa dimensão social mais ampla, capaz de abarcar o “nós” e situar-se ativamente na relação com esta.

“Concorri com mais de seiscentos alunos das Redes Municipal, Estadual e Particular” – diz Antônio Carlos.

Eis a redação na íntegra:

*“No nosso município de Campinas, os ônibus urbanos estão sendo modificados para atender a população em geral, tendo em vista a melhoria no transporte coletivo, que atende milhares de pessoas por dia.*

*Nós alunos de Recuperação de Ciclo I, da EE Dr. Tomás Alves, em Sousas, distrito de Campinas, no Estado de São Paulo, resolvemos participar dessas mudanças, dando nossa opinião, para a melhoria do transporte coletivo.*

*Essas mudanças já estão em andamento. Já mudaram as cores dos veículos de acordo com as regiões, facilitando a locomoção dos passageiros.*

*Podemos ajudar melhorar o nosso transporte colaborando de várias formas, mantendo o ônibus limpo, sem pichações, orientando os demais passageiros para que façam o mesmo. Podemos ainda ajudar, auxiliando mulheres grávidas e portadores de necessidades especiais.*

*Outra forma de ajudar seria de responsabilidade da “Transurc” que deverá orientar os usuários de forma adequada, com um grupo de pessoal que deverá ser treinado para esse fim e também através de folhetos explicativos ou até mesmo uma cartilha onde deveria constar todas as linhas e cores correspondentes de cada região.*

*Com a colaboração das pessoas conscientes da prática da cidadania poderemos construir um país melhor, mais justo, com mais respeito e com melhor qualidade de vida”.*

Essas ações dizem respeito a um trabalho diferenciado, que efetuado durante o ano letivo, leva todos os alunos à superação das dificuldades que o impossibilitavam de exercitar o direito da leitura. Trabalho este que estimula a produção de bons textos e de saberes, os quais, além de tudo, permitem o ingresso no Ciclo II e os fortalecem como sujeitos produtores de conhecimentos escolares.

A EE Prof. Joaquim Ferreira Lima fica na Vila 31 de Março, tem uma classe de trinta e três alunos, quase todos oriundos da própria escola e com uma história de vida semelhante: seus pais, trabalhadores de baixa renda (mecânicos, ajudantes gerais e outros),

têm pouca formação escolar, lêem pouco e seus filhos tiveram dificuldades em aprender ler e escrever, chegando ao final do Ciclo I sem conseguir produzir um texto coerente. Desse universo de trinta e três aprendizes apenas onze possuem pai ou mãe que não nasceu no Estado de São Paulo. Dois são naturais do Paraná, um do Rio Grande do Sul e os outros oito, são oriundos de estados do Norte e Nordeste do Brasil. A Professora Lucimar da Silva Nazareth realiza um bom trabalho, fundado no respeito ao universo sócio-cultural dos alunos, incentiva a leitura de livros da Literatura Infantil, possibilitando a circulação dos mesmos, bem como de jornais, revistas e gibis.

Essa escola fica em um bairro de casas populares, sua comunidade é bastante atuante e os pais acompanham sempre as atividades dos filhos.

A Professora Sandra Regina Braga, que é Pedagoga e Professora de Língua Portuguesa, tem uma tarefa diferente na EE Prof. Djalma Octaviano. Tem um grupo de Reforço formado por alunos que não passaram pela Recuperação de Ciclo I e que levaram para o Ciclo II uma história de exclusão, fracasso e frustração.

Ela tem uma relação bem diferenciada com a escola, porque tem quatro horas semanais de aulas com esse grupo muito especial. Eles têm vários professores que ministram as disciplinas correspondentes a esse ciclo. Todos apresentam em seus relatórios as mesmas queixas: alunos com dificuldade na leitura e na escrita.

A experiência da Professora Sandra com a comunidade desse bairro se estende para as atividades da Escola da Família, que acolhe alunos e pais nos fins de semana, oferecendo lazer, cultura e esportes. É nesta interação, especialmente com os alunos de RC I, que ela aproveita para incentivá-los a assistirem aos filmes selecionados para aquele dia, participar de jogos individuais ou coletivos, participar de visitas à exposições, feiras ou outros eventos, que possibilitarão ampliar seu universo de conhecimentos.

Aos pais são oferecidas oficinas de informática, atividades nas Padarias Artesanais, dando-lhes oportunidade de profissionalização e de ganhos extras para reforçar o orçamento doméstico.

Além disso, a Professora Sandra, como eventual, dá aulas de diferentes disciplinas, na ausência do Professor titular. Toda essa prática pedagógica, o enorme comprometimento e conhecendo bem cada aprendiz, sua oportunidade de realizar um ótimo trabalho é incontestável.

Os alunos que iniciam o Ciclo II, pertencem a uma comunidade onde os pais, trabalhadores em condições difíceis de sobrevivência, não permitem que seus filhos trabalhem para ajudá-los no orçamento doméstico. Esses pais incentivam seus filhos a estudar, participar das atividades de Recuperação de Ciclo e dos trabalhos da Escola da Família.

A Professora Sandra tem preferência pela Literatura Juvenil e por isso, procura envolver seus alunos em práticas de leitura prazerosa. Usa os textos de Rubem Braga,

Inácio de Loyola Brandão, Lígia Fagundes Teles, Carlos Drumond de Andrade, entre outros, para motivar seus alunos nas práticas de leitura e escrita.

A EE Profª. Castinauta Barros de Melo e Albuquerque está localizada no Jardim São Marcos. A Escola é uma ilha de trabalho e tranquilidade no centro de um bairro reconhecidamente violento. Os trinta e cinco alunos envolvidos em nossa pesquisa estão há cinco anos nessa escola e têm uma história de exclusão e dificuldades com a leitura/escrita e todos os conteúdos trabalhados nos anos anteriores. Todos têm problemas disciplinares, os pais são muito presentes, mas é um caminho árduo e a Professora Rosemeire Camargo tem desenvolvido um bom trabalho, principalmente no que diz respeito à auto-estima dos discentes e incentivo de atividades que são significativas para eles. A Biblioteca é uma de suas atividades preferidas.

Essa região é muito populosa e os pais são, em sua maioria, originários de estados do Nordeste, trabalham na construção civil e têm muita expectativa em relação à formação de seus filhos. As mães trabalham como domésticas ou faxineiras e cobram atitudes adequadas das crianças e não querem que elas percam seus lugares nas Instituições de Apoio que existem no bairro e que acolhem esses alunos em horário contrário àquele das aulas regulares. A Educação Não Formal se apresenta no Grupo Primavera (que atende meninas, dando-lhes uma profissionalização) e o Núcleo Integrado da Comunidade (que atende meninos e meninas em situação de risco).

A EE Profª. Castinauta tem a preocupação de diminuir a violência e, por isso, proporciona atividades extra-classe e nos fins de semana, como: Padarias Artesanais, Escola da Família, Grupos de Coral, Dança, Ginástica Geral, Coral com alunos Surdos, Bandinha da Educação Especial e outros. A Comunidade está sempre presente e colabora bastante.

A EE Prof. Antônio Vilela Júnior fica na Vila Industrial e recebe uma clientela originária de diferentes bairros da região Sul de Campinas, portanto, envolvendo alunos de diferentes frações das classes trabalhadoras e das classes médias. Os alunos estudam no período da tarde, andam sozinhos de ônibus e vieram transferidos de outras escolas de bairros distantes. Contam que ficavam sempre no fundo das classes e embora concluindo o Ciclo I escrevem e lêem com muita dificuldade. A Professora Rita de Cássia Guimarães acabou de chegar, mas já se preocupou em saber quem são seus alunos, o que lêem, como lêem, onde lêem.

Nos primeiros contatos com a classe de trinta e sete alunos pode saber que grande parte dos pais nasceu em algum estado do Norte ou Nordeste do país, a maioria vive somente com a mãe e os irmãos, e que a escolaridade de todos é precária. Ela já iniciou um trabalho de incentivo à leitura, fazendo circular livros de história, gibis, revistas e jornais.

A EE Prof. Geraldo Alves Corrêa fica no Jardim Santana. Seu alunado é formado basicamente por crianças que moram nas favelas do Cafezinho e da Rua Moscou. Em geral esses alunos estão aí desde o início do Ciclo I, mas sua história de exclusão não é diferente da história de todos os outros alunos que freqüentam as classes de Recuperação de Ciclo I.

A professora Cláudia Cristina Geraldo, procurando realizar um trabalho eficiente e interessante com eles, pediu sugestões de leituras e alguns textos foram lidos e discutidos com o grupo de Professoras.

Baseadas no texto de Le Goff (1986), refletimos que: *“No seio do cotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória”. E é a memória compreendida como prática social capaz de articular o “eu” e o “nós”, diferentes espaços e diferentes tempos* (GALZERANI, 2004) – foi eleita como possibilidade de palorizar e, ao mesmo tempo, produzir reflexões relativas aos conhecimentos situados no universo dos alunos; conhecimentos capazes de incentivá-los e valorizá-los como sujeitos da aprendizagem, e, ao mesmo tempo, como possibilidades de estimulá-los a ampliarem a dimensão de tempo ( muitas vezes cristalizada no futuro) e de relações sociais – no que se refere às suas práticas de leitura e de escrita. Por isso, decidimos que seria importante para esse grupo de alunos realizarmos um trabalho a partir de suas histórias de vida, dos “causos” que gostam de contar, mesmo que eles testemunhem a violência do bairro.

Para atenuar a indiferença e às vezes, a insensibilidade dos trinta alunos em relação à realidade do mundo violento que os cerca, propusemos o contato com a Literatura Infantil, pois, conhecendo a linguagem mágica, lúdica e sensível – mas não menos real – ali presente, seria possível construir saberes significativos no presente.

As Culturas Populares também são muito consideradas pela Professora Claudia, uma vez que quinze pais nasceram em outros estados, inclusive do Sul (Paraná e Santa Catarina), além de Rio de Janeiro, São Luís do Maranhão e Bahia. Os usos, costumes e credences desses povos são conhecidos em textos, músicas e danças. Dos paulistas, poucos são campineiros. Por isso, a diversidade cultural é grande e a Professora procura dialogar com os saberes de cada aluno, transformando-os em temas significativos para os saberes de todos os aprendizes.

Nesse bairro também as crianças costumam freqüentar Núcleos mantidos por Igrejas Evangélicas no período em que não estão na escola regular. São Núcleos de Educação Não Formal. Em alguns deles são oferecidas refeições completas e reforço escolar.

Essas seis escolas têm merecido acompanhamento quinzenal de seus trabalhos, bem como orientações técnicas, compreendidas em análise e reflexão a respeito das produções dos próprios alunos, releitura e discussão dos textos teóricos que embasam todo o trabalho para prosseguimento do acompanhamento dos aprendizes. Esses alunos que freqüentaram regularmente as classes do Ciclo I, nos indicam que são capazes de aprender *“toda criança é capaz de aprender”*.

Dentro do Projeto “Ensinar pra Valer – Aprender pra Valer” procura-se incentivar a criatividade de cada profissional e os resultados têm sido animadores.

O texto é sempre produto de uma estratégia bastante enfatizada, pois recomenda-se a auto-avaliação e a reescrita como técnica para uma produção coerente, coesa e, principalmente, criativa. Alunos que se recusavam a ler e a escrever, agora o fazem sem temor.

Com respeito pelo perfil de cada Escola, cada Professora, cada classe, procura-se aprimorar a prática pedagógica, em busca do fortalecimento dos alunos, como produtores de conhecimentos, de leituras.

## PARA NÃO CONCLUIR: A BUSCA DE UM BALANÇO FINAL

Diante da constatação de tantos alunos chegando ao final do Ciclo I sem saber ler e escrever de maneira convencional, priorizou-se proporcionar a oportunidade de um ano de Recuperação de Ciclo I.

Mas, também, procuram-se soluções para evitar que alunos ainda não preparados para o Ciclo II, concluam o Ciclo I e sejam excluídos da escola futuramente.

A partir da sugestão da Coordenadoria de Normas Pedagógicas, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, iniciamos no ano 2002 o Projeto de Recuperação de Ciclo I.

Quando o Projeto começou, tínhamos encontros mensais em São Paulo. Eram três dias dedicados a estudos, a sugestões de atividades e a troca de experiências. Nossa orientadora, Professora Mirian Grilo tem uma prática pedagógica toda voltada para recuperação de alunos com dificuldades de alfabetização em diferentes espaços da metrópole.

Ao iniciar meu curso de Pedagogia na UNICAMP escolhi o tema “Por que tantas crianças chegam ao final do Ciclo I sem ler e escrever convencionalmente”?

Nesses quatro anos o Projeto amadureceu, muitas leituras nos ajudaram a ter um embasamento teórico mais aprofundado, porém, ainda não conseguimos atingir todo o alunado e tão pouco formar um corpo docente fixo.

Somente uma Professora de 2002 retornou ao Projeto no ano de 2005 e sua experiência nos permite um diálogo plural, com a circulação de saberes, recorrendo às memórias recentes de um processo produtivo quando as propostas de atividades conduzirão os alunos à construção de condições para concluir o Ciclo I.

Nos anos 2003 e 2004 tivemos uma rotatividade muito grande de professores. Portanto, esse Projeto é reiniciado ano após ano.

Os significados das experiências vivenciadas e socializadas nos grupos de estudos, a diversidade cognitiva e de saberes, as características de cada Unidade Escolar, possibilitam mudanças de rumo e aperfeiçoamento, sempre reafirmando às Professoras que elas não são “transpositoras didáticas”, mas sim, criativas na construção de conhecimentos relevantes.

Consideramos que nesses quatro anos fomos além dos objetivos prefigurados no início do Projeto, passamos por mudanças profundas, pontuais, mas o sonho, a utopia continuam...

Como a escola pode se adequar ao ritmo das transformações pelas quais passa o mundo contemporâneo? Quais as relações que existem entre educação e tendências culturais contemporâneas, modernas? Qual o conceito de “modernidade”?

*“o homem moderno não é mais o homem que sofre a ruptura entre o passado e o presente, entre o antes e o depois, mas o homem que carrega em si mesmo a ruptura como o objeto mesmo de sua vontade. Neste sentido, a modernidade é uma escolha, uma decisão, uma exigência de “auto – liberação”, ou antes a exigência de poder decidir de maneira soberana e constantemente revogáveis suas referências”...*  
(MARC FROMENT-MEURICE,2002 – p.16)

Desse modo, as relações professor/aluno, aluno/professor trazem na contemporaneidade a certeza de que outras práticas pedagógicas precisam ser estabelecidas, outros caminhos devem ser trilhados, o viver escolar ganhar novas nuances.

O Professor comprometido com esse Projeto precisa ser um Professor pesquisador, que vá além dos “fios dispersos das práticas dominantes”, que se constitua como produtor de cultura e de saberes e que priorize que: ...”*o que vale como saber nas instituições de ensino é mais insuperável do que se define como cultura legítima no interior da sociedade global*”.(FORQUIN, 1993 – p. 115)

Para o ano de 2006 sabemos que teremos uma grande mudança em nosso quadro de profissionais. O concurso público realizado recentemente trará, com certeza, outros professores, outros saberes .

O recomeço do Projeto de Recuperação de Ciclo I, terá por objetivo maior: possibilitar aos alunos uma formação diferenciada, com um material diferenciado através da valorização da leitura e da escrita como expressão de saberes construídos a partir do compromisso consciente dos profissionais envolvidos.

Essa pesquisa não termina aqui. Esse trabalho não é conclusivo. Ele é somente um memorial de experiências que são testemunho de uma utopia, da parceria entre pessoas que têm um ideal, uma convicção inabalável de que “toda criança aprende”, é somente preciso acreditar e trabalhar...

A pergunta continuará por outros tantos anos: *“Por que tantas crianças chegam ao fim do Ciclo I sem ler e escrever convencionalmente”?*

## **BIBLIOGRAFIA**

**BATISTA**, Antônio Augusto Gomes. Um Objeto Variável e Instável. IN: **ABREU**, Márcia. Org. Leitura, História e História da Leitura. São Paulo: Mercado das Letras, 19..

**BITENCOURT**, Circe. Livro Didático e Conhecimento Histórico: Uma História do Saber Escolar. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

**BOURDIEU**, Pierre. IN: Costumes em Comum – **E. P. Thompson**. São Paulo: Companhia das Letrs, 1998. p. 272.

**CERTEAU**, Michel. A Invenção do Cotidiano. São Paulo: Editora Vozes, 1994.

**CHARTIER**, Roger. Práticas de Leitura. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

A Ordem dos Livros – Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.

**CASTORINA, J. C. FERREIRO, Emília**. (org.) – **PIAGET – VIGOTSKI**. Novas Contribuições para o Debate. São Paulo: Ática, 2005.

**DARTON**, Robert. O Beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**DEMARTINI**, Zélia de Brito Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. IN: Por uma Cultura da Infância: Metodologias de Pesquisas com Crianças. Campinas: Autores Associados, 1999.

**DEWEY, John**. Como Pensamos. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

**FARIA, Ana Lúcia Goulart**. Por uma Cultura da Infância: Metodologias de Pesquisas com Crianças. Campinas, Autores Associados, 1999.

**GALZERANI**, Maria Carolina Bovério. Belas Mentiras? A Ideologia nos Estudos sobre o Livro Didático. In: **NOSELA**, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As Belas Mentiras: A Ideologia Subjacente aos Textos Didáticos. São Paulo: Moraes, 4ª edição, 1981.

Memória, História e (RE)Invenção Educacional: Uma Tessitura Coletiva na Escola Pública. IN: **MENEZES, Maria Cristina**. Memórias, Identidades, Representações: A Voz dos Professores. São Paulo: Horizontes/Universidade São Francisco, v.19, 2001.

Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin

**GERALDI, João Wanderley.** O Texto na Sala de Aula. 2ª edição. Cascavel, PR: Assoeste, 1984.

**IMBERNON, Francisco.** Formação Docente e Profissional: Formar-se para a Mudança e a Incerteza. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina.** A Formação da Leitura no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1998.

Do Mundo da Leitura para a Leitura do mundo. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias. São Paulo: Editora Ática, 1988.

**LERNER, Délia.** Ler e Escrever na Escola: o Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**LIMA, Elicio Gomes.** As Múltiplas Leituras e Visões de Mundo nos Livros Didáticos de História. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2004.

**LE GOFF, Jacques.** IN: Proposta Curricular para o Ensino de História – 1º Grau, p. 38, São Paulo, 1996.

**MEIRIEU, Phelippe.** Le Théâtre et la Construction de la Personnalité de L'enfant: de Lévenement à L'histoire. IN: Caminho das Artes – A Arte Fazendo Escola. SEE – São Paulo, 2005.

**MUMAKATA, Ksumi.** Livro Didático: Produção e Leituras. São Paulo: Mercado das Letras, 19

**OLSON, David R.** O Mundo no Papel. As Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

**PARKES, Malcoln.** IN: História da Leitura no Mundo Ocidental. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 2000.

**PIAGET, Jean.** Psicologia da Inteligência. 12ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

**Schön, Donald A.** Formar Professores como Profissionais Reflexivos. IN: **NÓVOA, Antônio** (coord.) Os Professores e sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

**THOMPSON, Edward P.** Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

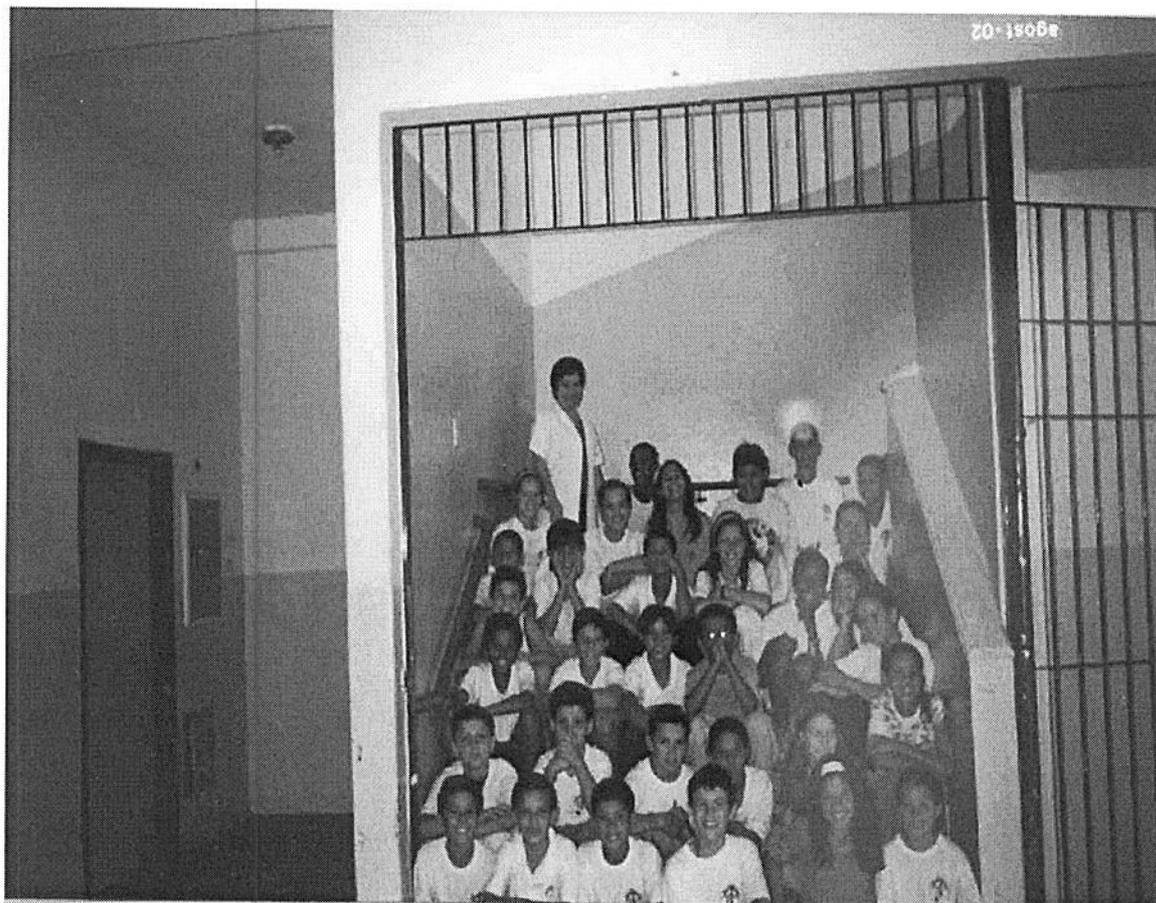
A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1981.

**VIGOTSKI, L. S.** A Formação Social da Mente. O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

**ZABALZA, Antoni.** Diários de Aulas. Porto: Porto Editora, 1998.

# **ANEXO I**

## **FOTOS**



**2002 – EE Dr. Tomás Alves, Distrito de Sousas, Campinas.**

A Professora Izabel Cristina Arcas e seus alunos da classe de Recuperação de Ciclo I, na escada que dá acesso ao 2º andar, onde se localizava sua sala.

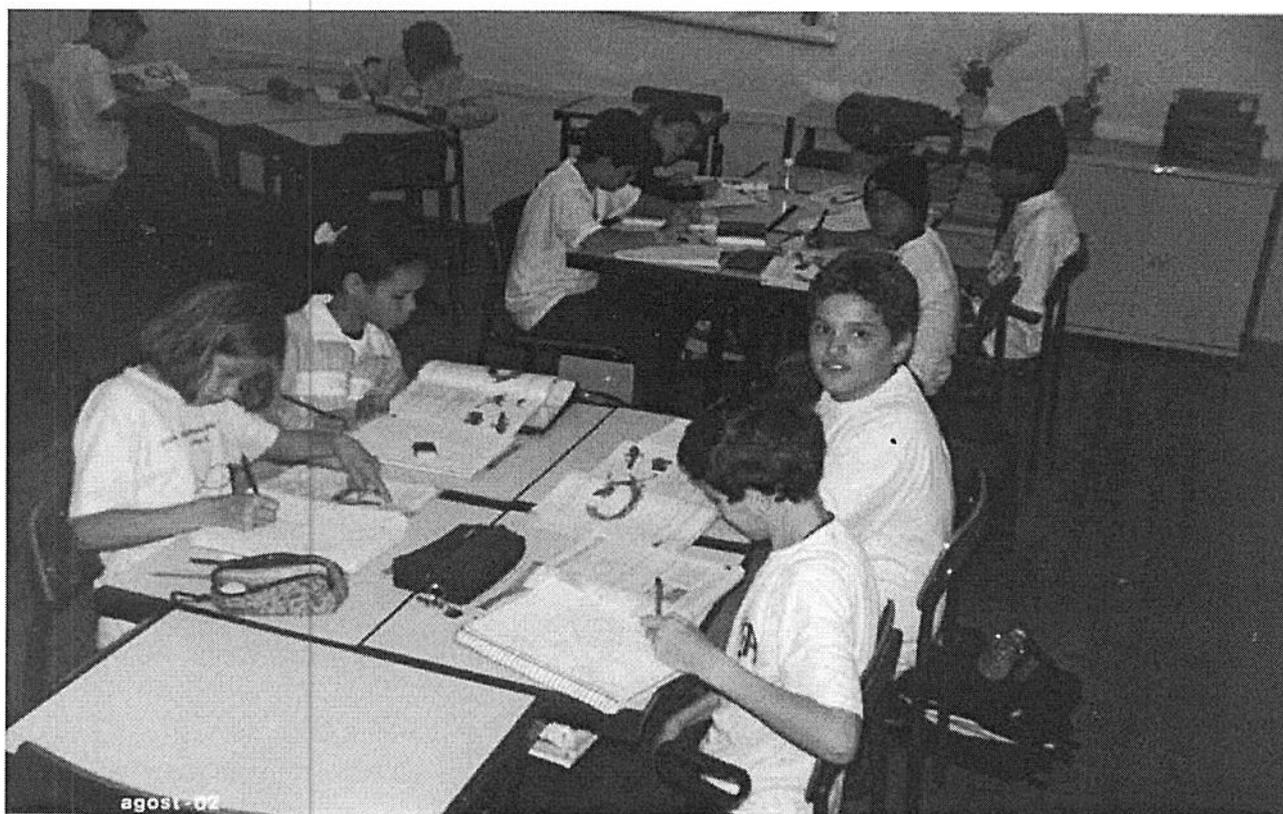
O clarão acima da cabeça do aluno, por coincidência, mostra José, o “ex-menino carvoeiro”.



### **2002 – Sala de Reuniões da Diretoria de Ensino Região Campinas Leste**

As Professoras Coordenadoras e Professoras das classes de RC I se reúnem e participam de atividades que posteriormente, serão desenvolvidas com seus alunos.

Aparecem na foto: (de costas) Izabel Cristina, Cibele, Eliana, Genoveva, Maria José e Miriam; Marley, Rita de Cássia, Eunice, Marta e a Assistente Pedagógica Janalice (de frente), responsável pelo Projeto.



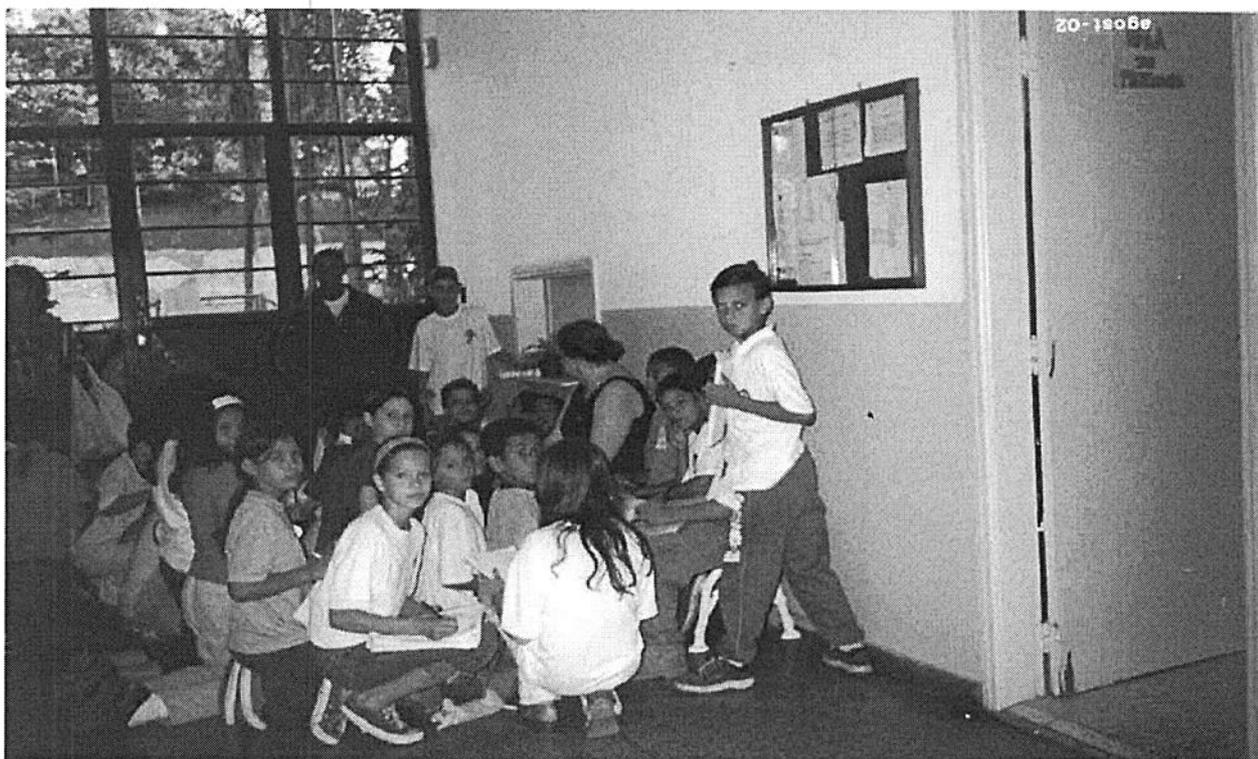
**Novembro de 2002. EE Dr. Tomás Alves, Distrito de Sousas, Campinas.**

Os alunos da classe de Recuperação de Ciclo I participam de atividades de leitura e escrita, pesquisando em livros didáticos, diferentes tipos de texto.



**Abril de 2002 – Sala de Reuniões da Diretoria de Ensino:**

As Professoras: Izabel Cristina, Ketula, Genoveva e Cibele apresentam o trabalho de seu grupo, elaborado a partir da leitura de “O Gato de Botas”, na versão dos Irmãos Grimm.



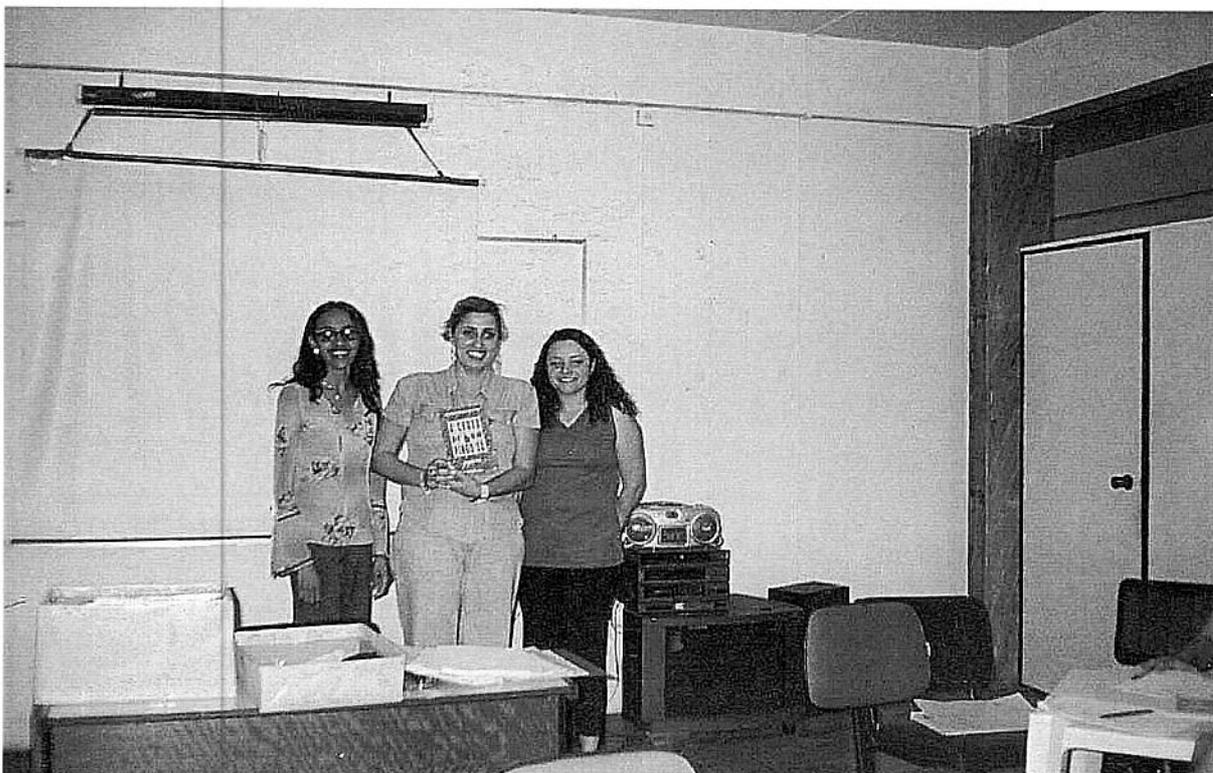
**Março de 2002 – EE Dr. Tomás Alves:**

Os alunos da classe de Recuperação de Ciclo I entrevistam a Professora Maria do Carmo Alves Thimotheo, Diretora da escola.

A entrevista fez parte do trabalho “Construindo a sua Identidade”, realizado pelos alunos, a partir de suas próprias histórias de vida.



**Início do Projeto RECUPERAÇÃO DE CICLO I. Mirian Grillo,  
Orientadora do grupo do qual participava a Diretoria de Ensino da Região  
Campinas Leste**



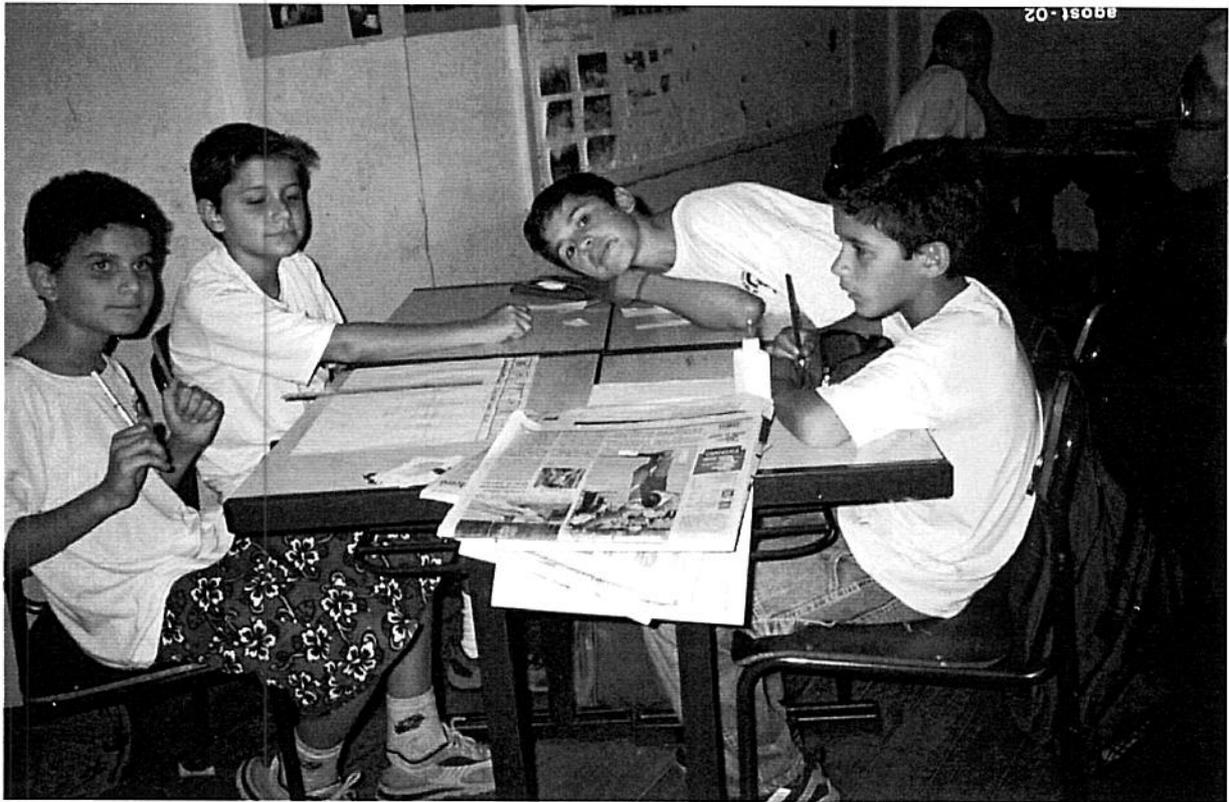
**Professoras Rita de Cássia e Viviane ladeiam  
a Professora Coordenadora Mônica**

A literatura já estava sendo priorizada. Seleccionamos vários livros para usarmos em nossas bibliotecas de classe.



### **Professoras Marta e Eunice**

O jornal foi eleito o preferido suporte de textos por professores, coordenadores e alunos.



### **Alunos da EE “Dr. Tomás Alves”**

O jornal passou a fazer parte do cotidiano das crianças.

**ANEXO II**

**MODELO DE ENTREVISTA**

## QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS

- 1- Nome completo.
- 2- Nome da escola onde você está dando aula este ano.
- 3- Lugar onde nasceu (Cidade, Estado, País).
- 4- Local de origem de sua família (pais e avós).
- 5- Onde você iniciou os seus estudos?
- 6- Onde você os concluiu?
- 7- Para preparar as suas aulas, você se vale de que livros?
- 8- Quais outros livros você costuma ler?
- 9- Quando e onde você os lê?
- 10- Recomende três livros que você gostou de ler e justifique.

## QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1- Qual é o seu nome completo. Idade.

2- Lugar onde você nasceu (Cidade, Estado, País).

3- Nome de seu pai:

Nome de sua mãe:

4- Local de origem de sua família :

- Seu pai:
  
- Seu avô paterno:
- Sua avó paterna:
- Seu avô materno:
  
- Sua mãe:
- Seu avô materno:
- Sua avó materna:

5- Você gosta de ler? O quê?

6- Em que lugar você costuma ler?

7- Onde você iniciou os seus estudos?

8- Quando e onde você os lê?

**ANEXO III**

**BANNER**

# PRÁTICAS DE LEITURA NAS CULTURAS ESCOLARES CAMPINAS, ENSINO FUNDAMENTAL, REDE ESTADUAL, CONTEMPORANEIDADE.

**ORIENTANDA:** Janalice Bruno Soares Rocha  
**ORIENTADORA:** Professora Doutora Maria Carolina Bovério Galzerani  
Curso de Pedagogia

**O OBJETIVO FUNDAMENTAL** desse trabalho é analisar práticas de leitura em uma dada cultura escolar relativa aos seguintes sujeitos: Professores e Alunos de diferentes Escolas Estaduais da cidade de Campinas na contemporaneidade.

## **DESENVOLVIMENTO:**

- ❖ Contato com aproximadamente dois mil e duzentos alunos pré-adolescentes, setenta e oito Professores e treze Professores Coordenadores nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005;
- ❖ Pesquisa empírica como Assistente Técnico Pedagógico da Diretoria de Ensino Região Campinas Leste da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo;
- ❖ Atividades no interior do Projeto “Ensinar pra Valer – Aprender pra Valer” das classes de Recuperação de Ciclo I;
- ❖ Diálogo com os sujeitos envolvidos: Professores Coordenadores, Professores e Alunos, elaborando questões semi-estruturadas;
- ❖ Acompanhamento das ações dos Professores pesquisados, propondo teorias específicas potencializadoras de uma maior relação com as práticas pedagógicas docentes.

## **FUNDAMENTAÇÃO:**

- Práticas de leitura como movimentos sociais, historicamente datadas;
- Leitura como prática sociocultural, que pressupõe o diálogo entre os valores das culturas escolares e das culturas extra-escolares (CERTEAU, DARNTON, CHARTIER, LAJOLO, MUNAKATA, BATISTA);
- Visão da leitura como produção de significados, a partir da tessitura de relações entre o *EU* e o *Outro...* (VIGOTSKI, E. PALMER THOMPSON, LAJOLO);
- Dados pesquisados: textos diversos, documentos e a iconografia presentes em nossa lembrança, possibilitando análise, reflexão e contextualização.

## **CONCLUSÃO:**

- As múltiplas experiências vividas nas diferentes escolas face à diversidade sociocultural, nos dão a dimensão da heterogeneidade que compõe a nossa sociedade. Por um exemplo: uma escola situada no Jardim São Marcos e outra escola situada no Jardim Santana (grande presença de migrantes do norte e do nordeste, muitos dos quais socialmente marginalizados);
- Dentre os avanços e recuos, é inegável o aprimoramento dos docentes no que se refere às práticas de leitura, consolidadas a partir de uma maior inclusão e respeito ao *outro*, ao *diferente*.

## LEITURA ICONOGRÁFICA DOS MOVIMENTOS DOS DIFERENTES CÓDIGOS DE LEITURA ENTRE OS ANOS 2002 E 2005.



**ANEXO IV**

**Cópias reprográficas de páginas do jornal “O  
QUINZE”**

# O QUINZE

*O jornal de Souza e Joaquim Egídio*

ANO XIV

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

OUTUBRO - 2005 - Nº 182

# Aluno da escola Tomás Alves ganha prêmio de redação

Ele participou da semana municipal do trânsito com um texto rico em informações e vocabulários

Antônio Carlos Cremasco Júnior, 11 anos, estudante da 4ª série da escola Dr. Tomás Alves, foi premiado no evento Seminário Municipal de Trânsito (Semutran), realizado pela Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec), gerenciadora do trânsito e transporte no município. O evento foi realizado de 20 a 22 de setembro. Antônio Carlos ficou em segundo lugar com um texto rico em informação e vocabulário. "Concorri com mais de 600 alunos da rede municipal, estadual e particular", explica.

Para desenvolver o texto, Antônio Carlos se baseou nos acontecimentos diários que envolvem o transporte de Campinas como a mudança das cores dos ônibus em cada região. "Um dia, fui à cidade e notei que cada coletivo tinha uma cor diferente. Perguntei a professora do que se tratava. Aproveitei a informação para colocar na minha redação", explicou.

Ele também mostrou preocupação com os deficientes físicos, solicitando a construção de rampas para auxiliar este grupo na locomoção. O menino, que deseja ser jogador de futebol e está treinando para isso, se alegra em mencionar que sempre participa de concursos.

## Veja abaixo a redação na íntegra.

- No nosso município de Campinas, os ônibus urbanos estão sendo modificados para atender a população em geral, tendo em vista a melhora no transporte coletivo, que atende milhares de pessoas por dia.



Antonio Carlos Cremasco Júnior, vencedor do concurso

*Nós alunos, do 4º ano de RCI, da escola Dr. Tomás Alves, em Sousas, distrito da cidade de Campinas, no estado de São Paulo, resolvemos participar dessas mudanças dando nossas opiniões, para a melhoria do nosso transporte coletivo.*

*Essas mudanças já estão em andamento. Já mudaram as cores dos veículos de acordo com as regiões, facilitando a locomoção dos passageiros.*

*Podemos ajudar melhorar o nosso transporte colaborando de várias formas mantendo o ônibus limpo, sem pichações, orientando os demais passageiros para que façam o mesmo. Podemos ainda ajudar auxi-*

*liando mulheres grávidas e portadores de necessidades especiais.*

*Outra forma de ajudar seria, de responsabilidade da "Transurc" que deverá orientar os usuários de for-*

*ma adequada com um grupo de pessoal que deverá ser treinada para esse fim e também através de folhetos explicativos ou até mesmo uma cartilha onde deveria constar todas as linhas e cores correspondentes de cada região.*

*Com a colaboração das pessoas conscientes da prática da cidadania poderemos construir um país melhor mais justo, com mais respeito e com melhor qualidade de vida.*

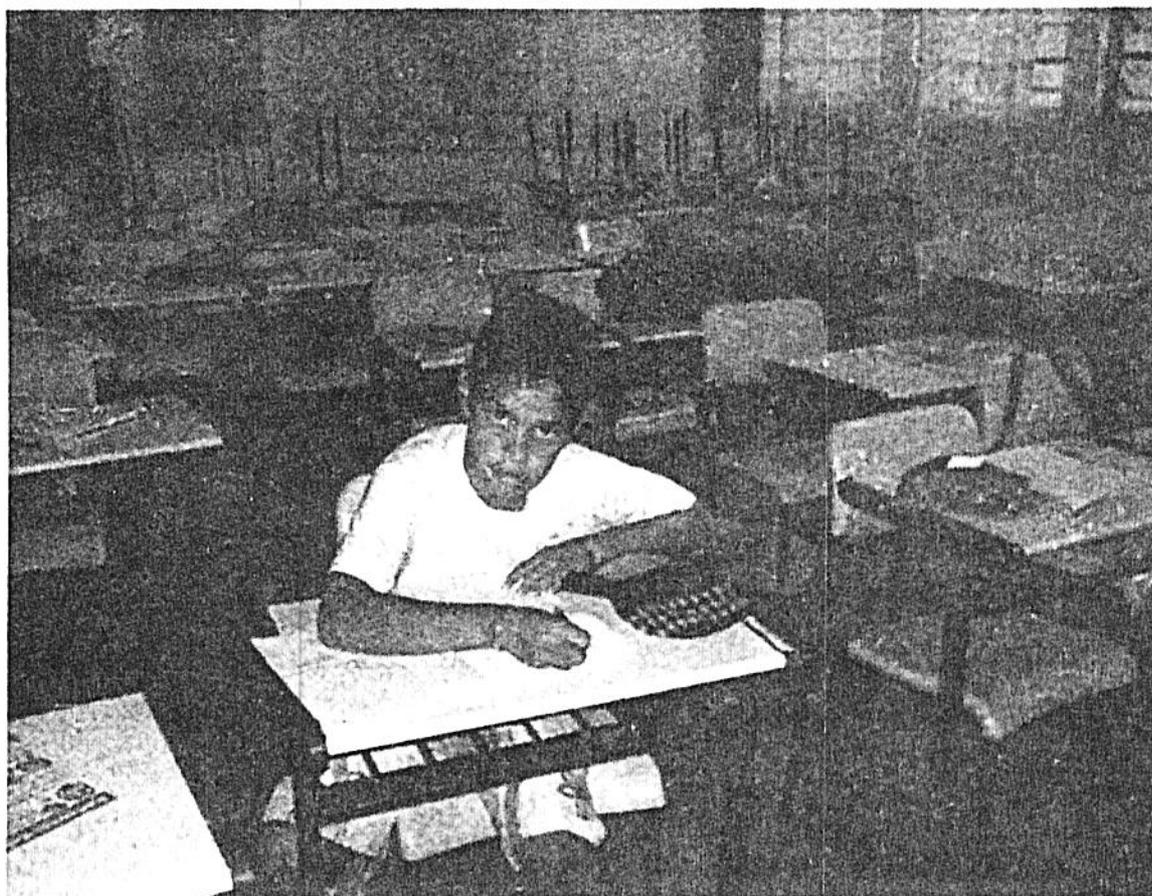
## Premiada

A professora Adriana Barros Benetasso, da escola Dr. Tomás Alves Tomás Alves, que também participou do concurso, ficou em terceiro lugar. O projeto de Adriana mostrou como os alunos aplicaram a educação do trânsito dentro da escola. "Eles desenvolveram placas de sinalização e colocaram em vários lugares. Fizeram até coletes", disse. Desde 2002, Adriana faz este trabalho com os alunos.

O projeto foi ilustrado com muitas fotos.



A professora Adriana também participou do concurso



## Redação de estudante da Tomás Alves é premiada

O aluno da 4ª série, Antônio Carlos Cremasco Júnior tirou o segundo lugar no seminário municipal de trânsito, realizado no mês

passado. Ele concorreu com mais de 600 estudantes. Sua redação retratou os acontecimentos diários do transporte de Campinas. \_\_\_\_\_ Página 7

